

BUBER, Martin. **Do Diálogo e Do Dialógico**. São Paulo: Perspectiva, 1982

1 - DESCRIÇÃO

“Eu só existo na medida em que digo Tu ao outro, aceitando-o irrestritamente em sua alteridade, com a totalidade do meu ser, e por ele sou assim aceito. O Eu sem o Tu é apenas uma abstração” (prefácio)

Para Buber, portanto, é a comunicação que torna o Eu possível. Não existe Eu sem Tu. O diálogo é constituinte do ser.

“Conheço três espécies de diálogo: o autêntico – não importa se falado ou silencioso – onde cada um dos participantes tem de fato em mente o outro ou os outros na sua presença e no seu modo de ser e a eles se volta com a intenção de estabelecer entre eles e si próprio uma reciprocidade viva; o diálogo técnico, que é movido unicamente pela necessidade de um entendimento objetivo; e o monólogo disfarçado de diálogo, onde dois ou mais homens, reunidos num local, falam, cada um consigo mesmo, por caminhos tortuosos estranhamente entrelaçados e creem ter escapado, contudo, ao tormento de ter que contar apenas com os próprios recursos” (p.53-54).

“Assim como o mais ardoroso falar de um para o outro não constitui uma conversação (...), assim, por sua vez, uma conversação não necessita de som algum, nem sequer de um gesto. A linguagem pode renunciar a toda mediação de sentidos e ainda assim é linguagem” (p.35) – a “ausência de reserva”, a abertura para o diálogo: “Sem reservas, a comunicação jorra do seu interior e o silêncio a leva ao seu vizinho, para quem ela era destinada e que a recebe sem reservas, como recebe todo o destino autêntico que vem ao seu encontro” (p.36)

Linguagem como algo que é construído na relação, no encontro, no diálogo.

A linguagem constrói mundos.

Não há uma correspondência a priori entre signos e significados, posto que a linguagem é construída conjuntamente no encontro, no diálogo. “Nós não encontramos o sentido nas coisas, também não o colocamos dentro das coisas, mas entre nós e as coisas ele pode acontecer” (p.72)

“Aquele que vive uma vida monológica nunca percebe o outro como algo que, ao mesmo tempo, não é absolutamente ele próprio mas com que ele, assim mesmo, se comunica (p.54) – ver Deleuze: “Dizer algo em nome próprio é muito curioso, pois não é em absoluto quando nos tornamos por um eu, por uma pessoa ou um sujeito que falamos em nosso nome. Ao contrário, um indivíduo adquire um verdadeiro nome próprio ao cabo do mais severo exercício de despersonalização, quando se abre às multiplicidades que o atravessam de ponta a ponta, às intensidades que o percorrem (Deleuze, em Carta a Um Crítico Severo, no livro Conversações)”.

“Pois onde a ausência de reserva reinou entre os homens, embora sem palavras, aconteceu a palavra dialógica de uma forma sacramental” (p.36)

Diálogo é um acontecimento (ver Deleuze e Guattari)

Buber fala, portanto, de uma atitude dialógica, que se reflete em uma experiência de abertura irrestrita para a alteridade radical que o outro representa. Um acontecimento, no sentido em que transforma a ambos: depois do encontro, nada mais é como antes.

“reciprocidade da ação interior. Dois homens que estão dialogicamente ligados devem estar obviamente voltados um-para-o-outro” (p.41)

3 maneiras pelas quais se pode perceber o outro que vive diante de nossos olhos:

Observar = concentração para conhecer em detalhes, perscrutar, “gravar na sua mente o homem que observa, anotá-lo”, intencionalidade, o outro é objeto do conhecimento.

Contemplar = não há concentração, “o contemplador (...) espera despreocupado aquilo que a ele se apresentará”. Não há intencionalidade, “ele não anota indiscriminadamente, fica à vontade e não está nada temeroso de esquecer alguma coisa. Não impõe tarefas à memória, confia no trabalho orgânico desta, que conserva o que merece ser conservado” (p. 41) **usar na dissertação, onde falo sobre fotografia contemplativa e deriva.** – desejo de conhecer, o outro é objeto de experimentação.

Tomada de conhecimento íntimo = “As coisas acontecem de outra maneira quando, numa hora receptiva da minha vida pessoal, encontra-me um homem em quem há alguma coisa, que eu nem consigo captar de uma forma objetiva, que ‘diz algo’ a mim. Isto não significa de forma alguma que esta coisa me diga como este homem é, o que se passa nele ou coisa semelhante. Mas significa que ele diz algo a mim, transmite algo a mim. Mas pode ser também algo sobre mim. O próprio homem, na sua conduta em relação a mim, nada tem a ver com este dizer; ele não tem conduta alguma para comigo, certamente nem me percebeu. Não é ele que me-lo diz (...); é aquela alguma coisa que o diz” (p42). Não é objeto, é relação: “cheguei a ter algo a ver com ele” – algo me é dito nessa relação, “e o que importa agora é unicamente que eu me encarregue de responder. (...) Em cada instância aconteceu-me uma palavra que exige uma resposta” (p.42-43).

“Tomar conhecimento íntimo de uma coisa ou de um ser significa, em geral, experienciá-lo como uma totalidade e contudo, ao mesmo tempo, sem abstrações que o reduzam, experienciá-lo em toda a sua concretude (...), perceber o centro dinâmico que imprime o perceptível signo da unicidade e toda a sua manifestação, ação e atitude (...); o conhecimento íntimo só se torna possível quando me coloco de uma forma elementar em relação com o outro, portanto, quando ele se torna presença para mim” (p.147)

O que nos une? O que, em mim, ressoa disso que é dito? Ressonância como conceito físico, um som que faz minhas cordas vibrarem sem serem tocadas fisicamente. Aquilo de que tomo conhecimento íntimo pode ser um animal, uma planta, uma pedra, não só um humano – relação com o conceito de empatia empregado pela não-violência.

Conhecimento íntimo é pressuposto para uma conversação genuína (Inter-humano, p.146)

Comunicação, para Buber, não é a ação deliberada que envolve apenas a decifração de signos e significados, mas é o próprio campo relacional no qual, como existentes

no mundo, estamos inseridos. Um campo de afetabilidades – tomada de conhecimento íntimo. Portanto, ela não depende de palavras, se dá mesmo no silêncio. Implica na abertura para a alteridade radical do outro que coabita o mundo conosco, seja esse outro ser humano, outros viventes não-humanos ou mesmo entes da natureza.

Linguagem não é abstração, metáfora, mas o próprio dizer da vida. É pela pronúncia da palavra-princípio Eu-Tu que nos constituímos humanos. “Viver significa ser alvo da palavra dirigida; nós só precisaríamos tornar-no presentes, só precisaríamos perceber. Mas o risco é por demais perigoso” (p.43). Qual é o risco? Nos transformarmos na relação – ressubjetivação.

“o efeito de ter sido o receptor deste dizer é totalmente diferente do efeito de observar e de contemplar. Não posso retratar nem descrever o homem no qual, pelo qual, algo me foi dito, nada posso contar sobre ele; se eu tentasse fazê-lo, já seria o fim do dizer. **Este homem não é meu objeto: cheguei a ter algo a ver com ele** (p. 42).

“Aquilo que me acontece [e acontece sempre, pois existimos imersos nesse campo dialógico, relacional, apenas, ‘na maioria das vezes, estamos com os nossos receptores desligados’ (p.43) é a palavra que me é dirigida. Enquanto coisas que me acontecem, os eventos do mundo são palavras que me são dirigidas. Somente quando eu os esterilizo, eliminando neles o germe da palavra dirigida, é que posso compreender aquilo que me acontece como uma parte dos eventos do mundo que não me dizem respeito. O sistema interligado, esterilizado, no qual tudo isto só precisaria ser inserido, é obra titânica da humanidade. E a linguagem, ela também, foi colocada ao seu serviço” (p.44) A tarefa da CNV é retirar a linguagem deste lugar de serviço e devolvê-la à lógica dialógica.

“Quando compreendemos realmente uma poesia, tudo o que conhecemos do poeta é apenas aquilo que dele ficamos sabendo através desse poema – nenhuma erudição biográfica é de valor para a compreensão pura da matéria a ser compreendida: o Eu que nos interessa é o sujeito dessa poesia singular. Mas quando lemos da mesma forma autêntica outras poesias deste poeta, unem-se então os seus sujeitos em toda a sua multiplicidade, completando e confirmando-se reciprocamente, para formar a única existência polifônica da pessoa” (p.48).

“O conceito da responsabilidade precisa ser recambiado, do campo da ética especializada, de um ‘dever’ que flutua livremente no ar, para o domínio da vida vivida. Responsabilidade genuína só existe onde existe o responder verdadeiro.

Responder a quê?

Responder ao que nos acontece, que nos é dado ver, ouvir, sentir. Cada hora concreta, com seu conteúdo do mundo e do destino, designada a cada pessoa, é linguagem para a atenção despertada. Para aquele que está atento; pois não é preciso mais do que isto para iniciar a leitura dos signos que nos são dados. Como já indiquei, é justamente por isso que é necessário todo o aparato da nossa civilização para preservar o homem deste despertar da atenção e de suas consequências. Pois o homem que está atento não poderia mais ‘dominar’ de imediato a situação que se lhe apresenta neste instante, como o faz de costume: seria exigido dele que a abordasse

e nela se introduzisse. E para tanto nada lhe ajudaria que acreditasse possuir de sempre utilizável, nenhum conhecimento e nenhuma técnica, nenhum sistema e nenhum programa, pois agora ele estaria lidando com o não classificável, justamente com a própria concreção. Esta linguagem não possui alfabeto, cada um dos seus sons é uma nova criação e só como tal pode ser captada [eu li, na primeira vez, “e, como tal, só pode ser cantada. Faz sentido também].

Espera-se então do homem que está atento que enfrente com firmeza o ato da criação” (p.49)

“Uma responsabilidade que não responde a uma palavra é uma metáfora da moral. Faturalmente, responsabilidade existe somente quando existe a instância diante da qual me responsabilizo e a auto-responsabilidade tem uma realidade somente quando o ‘eu-mesmo’ diante do qual me responsabilizo penetra transparente no absoluto” (p.50) – Responsabilidade dialógica

2. LIMITAÇÃO

“A dialógica não pode ser comparada ao amor. Mas o amor sem a dialógica, isto é, sem um verdadeiro sair-de-si-em-direção-ao-outro, sem alcançar-o-outro, sem permanecer-junto-ao-outro, o amor que permanece consigo mesmo, é este que se chama Lúcifer.

Para podermos sair de nós mesmos em direção ao outro é preciso, sem dúvida, partirmos do nosso próprio interior, é preciso ter estado, é preciso estar em si mesmo. O diálogo entre meros indivíduos é apenas um esboço; é somente entre pessoas que ele se realiza. **Mas por que meios poderia um homem transformar-se, tão essencialmente, de indivíduo em pessoa, senão pelas experiências austeras e ternas do diálogo, que lhe ensinam o conteúdo ilimitado do limite?”** (p.55-56) [grifo meu].

“Na comunidade da criação, nada precisa servir de mediação entre mim e um dos meus companheiros, quando quer que nos aproximemos um do outro, pois estamos ligados no mesmo núcleo” (p. 56).

Movimentos básicos: ações essenciais do homem, em torno das quais se constrói uma atitude essencial. Sem premeditação, tem a ver com a noção de espontaneidade em Gestalt-terapia. Ação que brota porque não poderia deixar de brotar (“ela não está presente se essa presença não se fizer sentir até na tensão dos músculos oculares e no calcar do pé no chão” (p.56)

“O movimento básico dialógico consiste no voltar-se-para-o-outro. Aparentemente trata-se de algo que acontece toda hora, algo banal; quando olhamos para alguém, quando lhe dirigimos a palavra, é com um movimento natural do corpo que a ele nos voltamos; porém, na medida do necessário, quando a ele dirigimos a nossa atenção, fazemo-lo também com a alma” (p.56). Todo voltar-se ao outro produz uma resposta, mesmo que ela pareça imperceptível.

“O movimento básico monológico não é, como se poderia pensar, o desviar-se-do-outro em oposição ao voltar-se-para-o-outro, mas é o dobrar-se-em-si-mesmo” (p.57). “Chamo de dobrar-se-em-si-mesmo o retrair-se do homem diante da aceitação, na

essência do seu ser, de uma outra pessoa na sua singularidade, singularidade que não pode absolutamente ser inscrita no círculo do próprio ser e que contudo toca e emociona substancialmente a nossa alma (...); denomino dobrar-se-em-si-mesmo a admissão da existência do Outro somente sob a forma da vivência própria, somente como 'uma parte do meu eu'. O diálogo torna-se aí uma ilusão, o relacionamento misterioso entre mundo humano e mundo humano torna-se apenas um jogo e, na rejeição do real que nos confronta, inicia-se a desintegração da essência de toda realidade (p.58).

Noção de multiplicidade e singularidade muito próxima da de Deleuze (e Espinosa, diga-se de passagem, "um modo de Ser e não O Ser").

Do Pensamento: monológico ou dialógico? (p.60-63).

Eros (p.63-65): tudo a ver com a noção de afetabilidade que a Suely Rolnik explora no Cartografia Sentimental! "O reino do Eros de asa mutilada é um mundo de espelhos e espelhamentos. Mas lá onde reina o Eros alado não há espelhamento: aqui eu, o amante, volto-me para esse outro homem, o amado, na sua alteridade, na sua independência, na sua realidade própria, e volto-me para ele com todo o poder de intenção do meu próprio coração" (p.64)

Comunidade (p.65-

"De acordo com a visão comum à nossa época, determinada pela política, o importante nos grupos, tanto no presente quanto na história, é apenas o que visam e os resultados de sua ação" ["os fins justificam os meios"] (...) Graças a este modo de avaliação simplificado, o valor essencial e próprio do grupo permanece tão incompreendido como quando julgamos uma pessoa somente pela sua atuação e não pelas suas qualidades (...) O espírito comunitário não reina aí onde se luta em comum, mas não em comunidade, para arrancar a um mundo que resiste a almejada transformação das instituições; ele reina onde a luta que é travada tem lugar numa comunidade que pugna por sua própria realidade comunitária" (p. 66)

"A comunidade em evolução (que é a única que conhecemos até agora) é o estar não mais um-ao-lado-do-outro, mas estar um-com-o-outro, de uma multidão de pessoas que, embora movimentem-se juntas em direção a um objetivo, experienciam em todo lugar um dirigir-se um-ao-outro, um face-a-face dinâmico, um fluir do Eu para o Tu; a comunidade existe onde a comunidade acontece" (p.66). Reside "no aumento e na confirmação desta existência [a existência pessoal], no interior da reciprocidade [em contraste com a coletividade, que exige renúncia da singularidade] (p.66-67).

3 – CONFIRMAÇÃO

"Eu, na profunda consciência da impossibilidade quase total de um pensar em comum, mesmo que seja no sentido de um-contrá-o-outro, quando não se faz a experiência em comum, respondo: Antes de tudo, caro adversário: se nós devemos conversar um-com-o-outro e não apenas falar sem que as nossas palavras se encontrem, então peço-vos notar que eu não exijo. Para tanto não tenho vocação e nem sequer competência. Tento somente dizer que existe alguma coisa e indicar no que ela consiste; eu simplesmente relato. E como seria possível querer exigir o dialógico? **O**

diálogo não se impõe a ninguém. Responder não é um dever, mas um poder [no sentido espinosano?]. É realmente um poder. O dialógico não é, como o dialético, um privilégio da atividade intelectual (..) Não há aqui dotados e não-dotados, somente há aqueles que se dão e aqueles que se retraem” (p.70-71).

O diálogo autêntico se fundamenta na disponibilidade para o diálogo, na aceitação incondicional do outro como alguém diverso de mim.

ELEMENTOS DO INTER-HUMANO

1 – O SOCIAL E O INTER-HUMANO

O inter-humano é uma dimensão particular da existência, uma categoria particular que descreve as relações, como o nome aponta, entre as pessoas, como faz a sociologia, mas partindo de uma outra noção, a noção de interexistência, enquanto que a primeira parte da noção de coexistência, com privilégio do elemento coletivo sobre as relações pessoais.

“Podemos falar de fenômenos sociais sempre que a coexistência de uma multiplicidade de homens, o vínculo que os une um-ao-outro, tem como consequência experiências e reações em comum. Mas este vínculo significa apenas que todas as existências individuais são delimitadas por uma existência de grupo e nela contidas; ele não significa que entre um e outro membro do grupo exista qualquer espécie de relação pessoal” (p. 136).

“Onde este último [o elemento coletivo] reina exclusivamente ou pelo menos predomina, o homem sente-se carregado pela coletividade, que o liberta da solidão, do seu medo diante do cosmos, da sensação de estar perdido; e nesta função essencial para o homem moderno, o inter-humano, a vida entre pessoa e pessoa, parece retrair-se cada vez mais diante do coletivo. O um-com-o-outro coletivo preocupa-se em conter dentro de limites a tendência da pessoa para o um-em-direção-ao-outro. É como se os homens vinculados num grupo só devessem juntos estar voltados para a obra do grupo e, somente em encontros de valor secundário, devessem dedicar-se aos parceiros pessoais tolerados pelo grupo (p.136).

“Naturalmente, o domínio do inter-humano estende-se muito além do domínio da simpatia” (p.137): uma troca de olhares atentos com um desconhecido, um encontro entre adversários “quando ele influi no comportamento mútuo” (137).

“A única coisa importante é que, para cada um dos dois homens, o outro aconteça como este outro determinado; que cada um dos dois se torne consciente do outro de tal forma que, precisamente por isso, assuma para com ele um comportamento que não o considere e não o trate como seu objeto, mas como seu parceiro num acontecimento da vida [ainda que este seja banal] (...) É este o fator decisivo: o não-ser-objeto” (p.138).

“Nós temos em comum com todas as coisas o poder tornar-se objeto de observação; mas eu, pela ação oculta do meu ser, posso opor uma barreira intransponível à objetivação: este é o privilégio do homem. É somente entre parceiros que este privilégio pode ser percebido, percebido como um todo existente” (p. 138). **A abertura para a vivência do inter-humano, para o mistério do outro, é abertura para um modo**

de existir outro, não mais escolha deliberada, mas adesão a uma outra forma de ser-no-mundo na qual a dimensão do “entre nós” é fundante.

“A esfera do inter-humano é aquela do face a face, do um-ao-outro; é o seu desdobramento que chamamos de dialógico” – acontecimentos reais entre homens, que se dão em mutualidade, “pois a participação dos dois parceiros é, por princípio, indispensável” (p. 138).

2 – SER E PARECER

Dualidade do ser e do parecer – duas modalidades de existir, uma fundamentada no que se é, a outra, na imagem, no que se parece ser. Modalidades coexistem, portanto, “temos que nos contentar em distinguir entre os homens aqueles cujo comportamento essencial é predominantemente de uma ou outra espécie” (p. 142).

“O homem que vive conforme o seu ser olha para o outro precisamente como se olha para alguém com quem se mantém relações pessoais; é um olhar ‘espontâneo’, ‘sem reservas’; é verdade que, naturalmente, ele não deixa de ser influenciado pela intenção de fazer-se compreender pelo outro, mas não é influenciado por qualquer pensamento sobre a imagem que pode ou deve despertar no outro, quanto à sua própria natureza. É diferente com seu oposto: já que para ele o que importa é a imagem que sua aparência produz no outro, isto é, o componente mais ‘expressivo’ desta aparência, o seu olhar, ele ‘faz’ esse olhar (...) ele fabrica um olhar que deve atuar como uma manifestação espontânea e, com bastante frequência, assim atua (p. 142).

“Onde a aparência se origina na mentira [como simulação] e por esta é impregnada, aí o inter-humano é ameaçado na sua existência” (p.143).

Homens-imagem, figurações, jogo, aparências fantasmagóricas – não deixam espaço para a legitimidade do inter-humano (p.143).

“Qualquer que seja em outros campos o sentido da palavra ‘verdade’, no campo do inter-humano ela significa que os homens se comunicam um-com-o-outro tal como são. Não importa que um diga ao outro tudo que lhe ocorre, mas importa unicamente que ele não permita que entre ele e o outro se introduza sub-repticiamente alguma aparência. Não importa que um ‘se abandone’ perante o outro, mas importa que ele permita ao homem com o qual se comunica de participar do seu ser. É a autenticidade do inter-humano que importa; onde ela não existe, o humano também não pode ser autêntico” (p.143)

“Por isso devemos, nós que começamos a reconhecer a crise do homem como a crise do Entre, libertar o conceito da honestidade do frágil tom de prédica moral que a ele aderiu e fazer com que ele entre de novo em consonância com o conceito da retidão” (...) “a realização do ser-homem só pode dar-se através de uma grande honestidade que não é mais afetada por nenhuma aparência, já que ela venceu a simulação” (p.143).

A aderência à simulação, ao mal, não é uma ‘natureza’, mas decorre do próprio avesso do inter-humano: queremos ser confirmados pelos outros, a aparência nos ajuda. “A ela ceder é a verdadeira covardia do homem; resistir, a sua coragem. Mas este não é

um ser-assim inexorável, não é um ter-que-permanecer-assim. O homem pode lutar para se encontrar, isto é, para encontrar a confiança no Ser. (...) o homem, enquanto homem, pode ser redimido” (p 144).

“Fantasmas podem ser exorcizados. Imaginemos um Pedro e um Paulo aos quais começa a repugnar, aos quais repugna com uma frequência cada vez maior, o fato de serem representados por fantasmas. Em cada um dos dois acorda, fortalece-se a vontade de ser confirmado como este ente que ele é e não de outra forma. Vemos as forças do real na sua obra de exorcizar, até que a falsa aparência se dissolva e os abismos do ser-pessoa invoquem-se mutuamente” (p.144).

3 – O “TORNAR-SE PRESENTE” DA PESSOA

Maior parte do que designamos como conversação não passa de palavreado – modo monológico.

[Sartre] “considera os muros entre os parceiros de uma conversação como simplesmente intransponíveis; para ele, o destino inevitável do homem é que ele só tenha a ver diretamente consigo mesmo e com os seus próprios assuntos; a existência interior do outro diz respeito a ele e não a mim; não existe e não pode existir contato direto com o outro. Aparece aqui, com uma clareza jamais demonstrada, o funesto fatalismo do homem moderno, que vê na degeneração a natureza imutável e no infortúnio de ter-se perdido num beco sem saída o destino original do *homo sapiens*, e que rotula qualquer pensamento de uma ruptura de romantismo reacionário. Quem reconhece realmente quão longe a nossa geração se desviou da verdadeira liberdade, da livre generosidade do Eu e Tu, deve, por força do caráter de missão de todo grande conhecimento desse gênero, exercer ele próprio – mesmo que ele seja o único na terra a fazê-lo – o contato direto e a este não abdicar, até que os escarnecedores se assustem e percebam na voz deste homem a voz de sua própria nostalgia reprimida” (p.146).

“O principal pressuposto para o surgimento de uma conversação genuína é que cada um veja seu parceiro como precisamente este homem é. Eu tomo conhecimento íntimo dele, tomo conhecimento íntimo do fato de que ele é outro, essencialmente outro do que eu e essencialmente outro do que eu desta maneira determinada, única, que lhe é própria e, aceitando o homem que assim percebi, posso então dirigir minha palavra com toda seriedade a ele, a ele precisamente enquanto tal. Talvez eu precise, a cada vez, com toda a severidade, contrapor a minha opinião à sua opinião sobre o objeto de nossa conversação; não se trata aqui, de forma alguma, de um afrouxamento de convicções, mas esta pessoa, portadora da convicção no seu caráter de pessoa, eu a aceito nesta maneira de ser no qual se desenvolveu sua convicção, precisamente a convicção na qual eu talvez tenha de tentar mostrar ponto por ponto o que ela tem de errado. Eu digo sim à pessoa com quem luto, luto com ela como seu parceiro, a confirmo como criatura e como criação, confirmo também o que está face a mim naquilo que se me contrapõe. Certamente depende dele agora que surja entre nós uma conversação genuína, a reciprocidade tornada linguagem” (p. 146)

4 – IMPOSIÇÃO E ABERTURA

3 fatores que impedem o crescimento do inter-humano: a aparência que invade, a insuficiência da percepção e a imposição de si mesmo sobre o outro.

2 maneiras básicas de influenciar: imposição de si própria, de sua opinião e atitude, até que o outro pense que este é seu próprio entendimento – propaganda, coação; e agir sobre o outro de forma que o outro possa abrir-se para um entendimento, crença nas forças atualizadoras – educação.

Três pressupostos para a existência do inter-humano: “que a aparência não intervenha perniciosamente na relação entre um ser pessoal e outro ser pessoal (...); que cada um tenha o outro em mente e que o torne presente no seu ser pessoal (...); que nenhum dos parceiros queira impor-se ao outro (p. 152).

5 – A CONVERSAÇÃO GENUINA

Na conversação genuína, é necessário ter o outro em mente.

“Aquele que fala, entretanto, não somente percebe a pessoa que lhe está assim presente, ele a aceita como seu parceiro, e isto significa: ele confirma este outro ser na medida em que lhe cabe confirmar. O verdadeiro voltar do seu ser para o outro ser inclui esta confirmação e esta aceitação. Naturalmente tal confirmação não significa ainda, de forma alguma, uma aprovação; mas, no que quer que seja que eu seja contrário ao outro, eu disse Sim a sua pessoa, aceitando-a como parceiro de uma conversação genuína” (p. 154).

Pressupõe franqueza e autenticidade do ser: “Na grande fidelidade, que é o espaço em que respira a conversação genuína, aquilo que tenho a dizer em cada ocasião já tem em mim o caráter daquilo que quer ser dito, e eu não devo detê-lo, não devo retê-lo dentro de mim. Pois o que tenho a dizer leva o signo, inconfundível para mim, de que a palavra pertence à vida comunitária. Onde a palavra dialógica existe de uma forma autêntica, é pela franqueza que se deve fazer-lhe justiça” (p. 154).

A libertação da vontade de parecer produz fecundidade e criatividade: a palavra nasce e, com ela, a possibilidade de outros mundos.

FRIEDMAN, M. Encounter on the Narrow Edge

A empatia preconizada por Buber não é uma empatia subjetiva, mas uma “inclusão” (termo utilizado por ele), referindo-se à experimentação imaginativa de estar do outro lado do diálogo e, ao mesmo tempo, mantendo a consciência (awareness) de si e da tensão atuante entre a esfera do si mesmo e a esfera do outro.

